

Sufrimento invisível nas ruas

Foto: Otávio Cavalcante

Eles estão por toda parte, mas nem sempre são vistos pela população. Embora muitos queiram deixar a vida da sarjeta, o vício em drogas tem sido o elo que os prende a esta realidade marginal. Tudo começa com a família desestruturada, a falta de perspectiva e o abandono de si mesmo a própria sorte. As histórias se confundem. Comunicativo, um rapaz de 21 anos admite que não gosta de viver na rua e sonha um dia largar o vício e voltar

a estudar. A colega de 20 anos, que mora também nas calçadas do centro de Campo Grande há cinco, compartilha do desejo de uma vida melhor. Mãe de um menino de um ano, ela espera que o filho tenha um destino diferente do seu. Perto dali, Baiano, de 47 anos, cuida dos carros; ele sente orgulho em ter conquistado a confiança dos motoristas que deixam os veículos aos seus cuidados.

Página 09

ÁLCOOL

Adolescentes dão “jeito” para beber

A lei nº 8.069/90 do Estatuto da Criança e Adolescente, que proíbe os bares, restaurantes, supermercados, lanchonetes, casas noturnas e até vendedores ambulantes de venderem bebidas alcoólicas para adolescentes não se tornou uma barreira para os menores. Muitos se orgulham em revelar que burlam a lei. Já nos estabelecimentos que pedem a documentação para a venda de



Foto: diganaoeroticacaoainfantil.files.wordpress.com

Risco - Proibição não impede consumo

álcool, os jovens contam que mandam um amigo maior de idade comprar. O assunto vira motivo de risos para muitos meninos e meninas. A mestre em psicologia Helena Demetrio Gasparin alerta que o que vale são as atitudes dos pais e não o discurso do que é correto.

Página 12

Contribuintes para o futuro

A garantia de amparo e segurança no caso de acidente, doença ou gravidez gera a sensação de estabilidade. Pensando nisso, cada vez mais jovens têm aderido à Previdência Social. As contribuições mensais podem ser feitas a partir dos 16 anos de idade, sendo o mais indicado é que o jovem faça como “segurado facultativo”.

Página 05

Aroma esconde tabagismo

Por trás do prazer em dar uma tragada com sabor ou aroma agradável, estão as consequências do uso do tabaco. Os odores e sabores escondem os efeitos nocivos destas drogas. Entre as novidades do setor, está o Arguile, fumo oriental, que tem conquistado adeptos em Mato Grosso do Sul.

Página 13



Só - O jovem “S” tem família, mas por ser usuário de drogas diz não conseguir sair das ruas

Escolas indígenas de MS têm déficit de conteúdos específicos

Apesar de Mato Grosso do Sul dispor de 300 escolas indígenas, muitos especialistas afirmam que os estabelecimentos não funcionam como deveriam. Isto porque há dificuldades para oferecer aos alunos a educação que assegure a continuidade da cultura indígena, como aulas da língua materna, arte nativa, o envolvimento das famílias e material didático. As aulas são ministradas pelos próprios índios que tiveram oportunidade de estudar. Atualmente, o Estado tem 536 jovens indígenas nas universidades que, em sua maioria, objetivam ajudar suas comunidades de alguma forma.

Página 03



Foto: Caroline Maldonado

Aldeias - Universitários querem voltar

Recortes da realidade

Jornalistas recortam da realidade assuntos que influenciam direta ou indiretamente a sua vida caro amigo leitor. O principal critério para definir as pautas é exatamente o que estes profissionais creem ser de interesse de quem lê jornal. Aí surgem os chamados critérios de noticiabilidade, o que vira notícia, afinal nem todas as histórias que acontecem na vida das pessoas são contadas nos veículos de comunicação, não existe tanto espaço assim.

Nesta edição do Jornal Em Foco as reportagens recortaram valiosos temas para a sociedade sul-mato-grossense, sempre pensando em gente e o que está gente sente. Portanto, nas próximas páginas você vai ver índios que querem ter direito a educação que preserve sua cultura própria e também como as autoridades municipais de Campo Grande estão promovendo atividades culturais para crianças carentes da periferia da Capital.

A aposentadoria é outro tema abordado em dois interessantes aspectos: o dos idosos, deprimidos antes de se aposentar, e o dos jovens que decidem pagar o INSS já aos 16 anos, pensando no futuro.

Entre outros assuntos destacados da realidade estão: a volta pra casa dos descendentes japoneses desempregados no Japão após a crise econômica do final do ano, o desespero de quem está no fundo do poço das drogas e mora nas ruas da Capital e a naturalidade com que jovens consomem drogas lícitas como o álcool e o tabaco. Uma boa leitura!

ERRATA

Diferente do que foi publicado na reportagem "Em nome do amor eles viram anjos da guarda", pág. 11 da edição 121 do Jornal Em Foco, o irmão da professora Maria José Gonzaga colabora com o pagamento do plano de saúde de sua mãe, além dos medicamentos necessários. Tal ajuda não é diária, já que ele não reside na Capital, porém ele se preocupa com a situação.



Foto: Viviane Oliveira

Motivação - Crianças participam de roda de leitura em escola pública da Capital

Riqueza

Incentivo ao hábito de ler livros garante conhecimento

Leitura precisa de propaganda

Viviane Oliveira

Apesar da leitura ser um instrumento indispensável nos dias de hoje, o brasileiro lê pouco, anualmente a média de leitura por brasileiro é de 2,4% sendo que só 0,9% é livro não didático, isso mostra que a maioria só lê porque é obrigado. Com a evolução da tecnologia, onde tudo está à disposição, os livros têm ficado de fora do cotidiano.

No Brasil tem uma livraria para cada 70 mil pessoas, a Organização das Nações Unidas para a Educação, à Ciência e a Cultura, (Unesco) recomenda uma para cada 10 mil pessoas. De acordo com dados da cadeia produtiva do livro FIPE, 26% dos brasileiros entre 15 e 64 anos não enten-

dem o que leem. Talvez possa atribuir a isto o aumento do número de propagandas incentivando a leitura.

Para a historiadora e bibliotecária, Ludmila Batista dos Santos, esse incentivo se dá porque as grandes empresas de publicidade visam ao desenvolvimento da leitura de forma que esta irá proporcionar melhor compreensão de suas campanhas publicitárias. Deixando-as livres para explorar a criatividade, pois a leitura formará uma sociedade mais esclarecida de forma que terá facilidade de compreensão em vários aspectos", explica.

Lendo, as pessoas ficarão mais críticas e não buscarão somente a TV como meio de informação. Segundo o filósofo Neimar Machado de Souza, a imprensa está ligada

à cultura de massa, a mídia vive o dilema de vender e informar. "Se a campanha pela leitura está na mídia, o público deve perguntar: o objetivo da campanha é vender livros ou promover a leitura", indaga o professor de filosofia.

O próprio avanço do mundo faz com que as pessoas busquem cada vez mais conhecimento, que só é possível através de muita leitura. Com a chegada da internet houve uma facilitação ao acesso a informação, de forma dinâmica porém superficial, pois não é indicada a substituição do livro pela internet. "Para o governo e as empresas é importante que a sociedade tenha conhecimento, é bom para o país, pois despertará o interesse do comércio internacional em investir no Brasil", explica o professor de Comunicação Carlos Alberto José da Silva Filho.

Os educadores veem como solução para a sociedade brasileira uma educação bem estruturada de forma que o desempenho individual de cada aluno é que possibilitará a formação de um cidadão apto a direcionar o país ao progresso. "A leitura é um ponto chave para o desenvolvimento. Só assim deixaremos de ser um país subdesenvolvido", afirma a diretora adjunta escolar Mônica da Silva Passos Amaral.

Para a acadêmica do último ano de Letras da Universidade Federal Mato Grosso do Sul (UFMS), Michele Alves Cezósimo, é importante assegurar e ampliar em diversos aspectos o acesso à leitura. "Penso que esse aumento de incentivo à leitura se dá pelo fato de que com o hábito de ler, as pessoas enriquecem seu vocabulário, aumentam seus conhecimentos gerais e ficam bem informadas, o que as levam a escrever melhor e a terem mais facilidades em expressar suas opiniões, obtendo melhores colocações em concursos e vestibulares".

O hábito da leitura é um aliado para formação de bons profissionais, os quais se beneficiam desta prática para ampliar seus conhecimentos. Bons leitores destacam-se entre os melhores no mercado de trabalho que atualmente é muito concorrido. A lei do mais instruído é que alcança o sucesso. Tal objetivo confirma que a leitura está sendo desenvolvida não somente pelo prazer, mas principalmente pela necessidade imposta pela globalização.



Em Foco – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano VIII - nº 122 – Agosto de 2009 - Tiragem 3.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pe. Lauro Takaki Shinohara

Reitor: Pe. José Marinoni

Pró-reitoria de Ensino e Desenvolvimento: Conceição Aparecida Butera

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Hemerson Pistori

Pró-reitoria Extensão e Assuntos Comunitários: Luciane Pinho de

EXPEDIENTE

Almeida

Pró-reitoria de Pastoral: Pe. Pedro Pereira Borges

Pró-reitoria de Administração: Ir. Raffaele Lochi.

Coordenador do curso de Jornalismo: Jacir Alfonso Zanatta

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158 e Inara Silva DRT-MS 83

Revisão: Cristina Ramos e Inara Silva.

Edição: Cristina Ramos, Inara Silva, Jacir Zanatta e Oswaldo Ribeiro

Repórteres: Bruna Lucianer, Caroline Maldonado, Ederson Almeida, Edilene Borges, Juliana

Gonçalves, Juliana Moraes, Magna Melo, Naiane Mesquita, Nilda Fernandes, Otávio Cavalcante, Paula Maciulevicius, Paula Vitorino, Tatiana Gimenes, Tatyane Santinoni, Viviane Oliveira,

Projeto Gráfico, diagramação e tratamento de imagens:

Designer - Maria Helena Benites

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande - MS. Cep: 79117900 - Caixa Postal: 100 - Tel: (067) 3312-3735

EmFoco On-line: www.emfoco.com.br

E-mail: pauta@ucdb.br | emfoco.online@yahoo.com.br

Existem hoje, em Mato Grosso do Sul, aproximadamente 300 escolas indígenas. Porém, alguns professores acreditam que elas ainda não estão funcionando como deveriam. Estas unidades escolares têm apenas professores e alunos indígenas, estão situadas em aldeias, mas encontram dificuldades para fornecer uma educação que assegure a continuidade da cultura indígena.

É o caso da Escola Municipal Alexina Rosa Figueiredo, da Aldeia Buriti, localizada no município de Dois Irmãos do Buriti, a 98 quilômetros de Campo Grande. Com 300 alunos do pré-escolar ao 9º ano e 22 professores da etnia Terena a instituição ainda está em processo para reconhecimento pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) como escola indígena. Segundo o diretor Alberto França Dias, as duas aulas semanais de língua Terena não são suficientes. “Muitas escolas ainda não estão funcionando no parâmetro de educação indígena. Tem que haver mais aula da língua materna e envolvimento das famílias dos alunos”, explicou Dias.

Para saber quais são exatamente as necessidades das escolas indígenas do Brasil e criar uma política própria de educação escolar que respeite a diversidade de cada contexto local, o MEC lançou, em 2008, a I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena. As conferências locais nas escolas indígenas do país acontecem até o final deste mês. Nas aldeias de Mato Grosso do Sul foram realizadas em março e abril deste ano.

Na escola da Aldeia Buriti ela foi realizada no dia seis de março, reunindo lideranças, pais, mestres, prefeito, pesquisadores e um membro da Secretaria Municipal de Educação (SEMED). Foram delegados seis representantes que participarão da Conferência Nacional em Brasília, prevista para este mês deste ano. Para o diretor da escola a conferência é proveitosa, pois as discussões têm que sair das salas de aulas para a política. “Um passo importante para construir a base da educação indígena que queremos



Foto: Caroline Maldonado

Falha - Falta disciplina específica de arte indígena para ajudar na preservação cultural

Cultura

Foto: Caroline Maldonado

Indígenas das aldeias de Mato Grosso do Sul discutem a educação que merecem

Índio QUER Escola



Debate - Em conferências locais realizadas este ano, indígenas traçam soluções para os problemas enfrentados na educação

é a discussão”, afirmou. Nesta escola a maior necessidade constatada foi a criação, pelos próprios professores, de um material didático diferenciado.

O calendário já é modificado, existem aulas da língua Terena, mas os docentes não encontram respaldo quando se trata do material. Agora os professores esperam que, por meio de documento gerado pela Conferência Nacional possam efetivar esse projeto, que contará com a parceria do Programa Terena, desenvolvido por professores universitários do Estado.

Essa ponte entre a universidade e a aldeia se dá por meio dos acadêmicos indígenas. Em todo Mato Grosso do Sul

eles são hoje 536 e, em sua maioria, objetivam ajudar suas comunidades de alguma forma. Os que cursam Licenciaturas geralmente voltam às aldeias para somar esforços na busca da educação diferenciada. Mas, na Escola Alexina Rosa Figueiredo nove acadêmicos Terena já são considerados professores ao exercerem atividades de estágio, pois faltam professores indígenas. “Isso logo vai mudar, porque está aumentando o número de jovens da aldeia que vão para a universidade”, explicou o professor Gérson Pinto Alves.

Formação e Cultura

Não é só na aldeia Buriti que faltam professores da própria comunidade. Segundo o acadêmico do 5º semestre de História, Valdevino Cardoso está é uma dificuldade de muitas aldeias de MS. Ele também é da etnia Terena, porém nascido na Aldeia Limão Verde, localizada no município de Aquidauana. “Eu quero voltar à aldeia para dar aula e acredito que todo universitário indígena tem essa responsabilidade de ajudar sua comunidade de alguma forma depois que sair da universidade”, afirmou.

Por ser a caracterização da cultura, a língua, bem como as artes, são fatores que preocupam os indígenas. As escolas da Buriti ainda não têm uma disciplina específica de Arte indígena. O professor Noel Patrocínio acredita que a

partir da educação escolar a aldeia possa reavivar e dar continuidade a produção de artesanato e a prática da dança. “Meu sonho é ver Buriti como um grande ponto turístico por conta da produção artística e cultural”, contou.

Já nas duas escolas da Aldeia Jaguapiru, na Reserva de Dourados, na qual residem sete mil indígenas da etnia Guarani existe uma disciplina específica de Arte indígena, ministrada duas vezes por semana.

Segundo o professor João Machado, na Escola “Tengatui” do pré ao 4º ano as aulas são na língua Guarani, do 5º ao 6º são multilíngue e do 7º ao 9º a língua Guarani é uma disciplina. “Nas duas escolas municipais da comunidade os professores têm mais autonomia para elaborar o próprio plano de ensino, mas algumas escolas das aldeias Guarani ainda têm o currículo comum”, explicou.

A perpetuação da língua, das danças e das artes não interessa só ao professor Noel, mas às comunidades indígenas de todas as etnias do Estado. É por meio delas que os brancos podem ver que os indígenas não são todos iguais, mas preservam modos diferentes de viver.

Tensão e medo ao aposentar

Bruna Lucianer

Há cerca de um ano, todos na casa de seo Sebastião Madruga começaram a perceber algumas mudanças em seu comportamento; diferente da pessoa ativa e falante que sempre fora, passou a andar calado e tristonho. Pouco a pouco, seo Madruga foi se tornando cada vez mais retraído: calado e ansioso ao mesmo tempo. Praticamente não conversava, mas andava de um lado para o outro dentro de casa o tempo todo.

Madruga, 70 anos, trabalhava há 22 como motorista de uma empresa pública, mas de repente passou a ter pavor da idéia de dirigir. O que começou com uma quietude ansiosa tornou-se quadro crônico de depressão profunda em poucos meses. Desde então ele afastou-se da empresa e já não sai mais de casa.



Foto: Bruna Lucianer

Etapa - Após três décadas dedicadas ao funcionalismo público, Catarina Alçamendia tenta encarar com bom-humor a pré-aposentadoria

Dirigir, nem pensar.

Sua filha, Andréia Santos Ribeiro, de 29 anos, conta que foi tudo muito rápido, quase imperceptível. “Só nos

demos conta da seriedade da situação quando ele começou a fazer comentários se mostrando preocupado com tudo o que perderia quando fosse desligado da empresa”, diz Andréia.

Madruga faz parte de uma grande parcela da população que não consegue ultrapassar a barreira do “fim” da vida produtiva e encarar o início da aposentadoria. A psicóloga e psicopedagoga Dalva Maria Pacheco Rocha explica que, apesar de não possuir dados estatísticos, é possível afirmar que a incidência de situações traumáticas nesse período da vida é bastante alta. “Trata-se de uma fase de perdas: jovialidade, vigor físico, vida afetiva e sexual. Com a aposentadoria, a pessoa perde o único elo que a mantinha ligada a uma expectativa futura. A sensação de não ser mais útil, de não servir mais para tantas coisas é frustrante”, comenta a psicóloga.

A psicóloga define a aposentadoria como um grande mito. Em primeira mão, todos a vislumbram como uma coisa muito boa. Projetam todas as suas expectativas em cima desse momento e acabam por esquecer outros aspectos da vida. Esquecem que a aposentadoria não traz somente coisas

boas, é necessário lembrar de todas as dificuldades que essa nova fase trará.

Não são todas as pessoas que desenvolvem esse quadro com o passar do tempo. Mas, segundo a psicóloga, a probabilidade de desenvolver quadro depressivo nessa idade é maior do que em outras fases.

Para lidar com esse difícil e esperado momento, Dalva dá uma receita simples. “Nunca coloque a aposentadoria como um fim, mas sim como uma nova fase da vida. Quando faltar 2 ou 3 anos para se aposentar, comece a preparar-se emocionalmente para fazer esse desligamento: tenha novos objetivos, novos círculos de amizades, novos grupos sociais. Faça ginástica, divirta-se, invista em seu lazer”, esclarece a psicóloga.

Catarina Alçamendia, de 56 anos, funcionária pública há 29, se aposentará dentro de oito meses. “Sei que a barra é pesada, mas encaro esse momento de forma muito positiva. Planejo abrir um negócio próprio para não ficar parada, e aproveitar as vantagens da aposentadoria para fazer o que eu não pude fazer até agora, como viajar duas ou três vezes ao ano”, comemora Catarina.



O curso de Publicidade e Propaganda parabeniza Campo Grande pelos seus 110 anos.

comunicação
Agência de Campo de Publicidade



Foto: Paula Maciulevicius



Foto: Paula Maciulevicius

Seguros - Jovens procuram o INSS para contribuir e se prevenir, como Lussandra de Barros, que paga desde cedo o INSS e busca o auxílio-doença após acidente

Previdência

Adolescentes a partir dos 16 anos já podem contribuir com Instituto de Seguridade Social e garantir benefícios

A Tribo dos jovens precavidos

Paula Maciulevicius

A sensação de amparo e segurança traz alívio a qualquer situação e na vida profissional não é diferente. Estar amparado no caso de acidente, doença ou gravidez, por exemplo, gera estabilidade e cria as condições necessárias para lidar com a situação. Pensando nisso, a estudante de Administração Jeniffer Dias Medeiro, de 21 anos, se inscreveu na Previdência Social. “Além da segurança que a gente tem no dia-a-dia, quanto mais cedo começar a contribuir, melhor”, ressalta a estudante, que já pensa na futura aposentadoria. “Na realidade há muitos benefícios para quem contribui”, completa Jeniffer.

Segundo o chefe da seção de benefícios do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), Nivaldo Zuardi, a importância de o jovem começar cedo a contribuir é de se programar para uma aposentadoria futuramente. “Além de estar amparado para receber benefício em caso de doença, ou o salário maternidade”, explica Nivaldo.

É o caso do promotor de vendas Marcos Sabino, de 26 anos, que quebrou o braço em um acidente de trabalho; ele que contribui há oito anos com a Previdência Social diz solicitar o benefício no caso de doença, pela primeira vez. “Com certeza contribuir dá estabilidade, é um seguro

que a gente tem num acidente destes”, comenta Marcos. “E quanto mais cedo contribui, mais cedo vem a aposentar”, acredita o promotor de vendas.

De acordo com Nivaldo Zuardi, os benefícios mais solicitados pelos jovens contribuintes são o auxílio-doença e salário-maternidade. As contribuições para com a Previdência Social podem começar a partir dos 16 anos de idade, todo o contribuinte mensal é chamado de segurado e, conforme sua contribuição, pode ser classificado como empregado, empregado doméstico, trabalhador avulso, contribuinte individual, segurado especial e segurado facultativo. “O mais indicado para o jovem é o facultativo. Com 16 anos ele pode se inscrever na Previdência pelo 135 ou o site www.previdencia.gov.br. É criado o Número de Inscrição do Trabalhador (NIT) e depois ele recolhe a taxa através da Guia de Recolhimento da Previdência Social”, explica Nivaldo.

Esta Guia de Recolhimento é encontrada em livrarias e a contribuição está na faixa de 11% e 20% do salário mínimo. Como contribuinte da Previdência Social, o jovem passa a ter direito a aposentadoria por invalidez, por idade, por tempo de contribuição; auxílio-doença; reabilitação profissional; aposentadoria especial; auxílio-reclusão; auxílio-acidente; pensão por morte; salário-maternidade e salário-família.

Utilizando um desses benefícios, Lussandra de Barros Rocha, de 27 anos, atendente de call center, procurou uma agência da Previdência Social para solicitar o auxílio-doença. Depois de sofrer um acidente de moto, no trajeto indo para o trabalho, Lussandra passou pela Perícia Médica, a fim de avaliar o tempo que ela deve ficar afastada do trabalho e receber o auxílio pela Previdência Social. “Ia ser muito difícil se não tivesse o INSS, seriam quatro meses sem receber”, fala Lussandra sobre o tempo determinado pelo médico.

Já amparado e seguro Edinei Borges, de 21 anos, retorna a agência da Previdência Social para passar novamente pela Perícia Médica. Após sete meses recebendo o auxílio-doença por conta de um acidente de trabalho, o jovem recebe o laudo médico onde consta estar apto para retornar às atividades. “Se não tivesse direito ao benefício, eu não ia receber, isto ajudou bastante”, comenta o funcionário de uma empresa de Material de Construção sobre a importância da contribuição.

Não só em casos de doença o segurado tem direito a benefícios, para as contribuintes da Previdência Social, o período de gestação pode ser bem mais tranquilo, a segurança para as mães vem do salário-maternidade. Elas têm direito a recebê-lo por um período de até quatro meses. “Se não tivesse esse salário-ma-

ternidade talvez eu não pudesse ficar em casa com o meu bebê, seria só o tempo de me recuperar e voltar a trabalhar. Mas com ele, com certeza eu fico tranquila, pelo fato de saber que eu vou estar em casa por quatro meses recebendo o salário e cuidando do meu bebê”, relata com tranquilidade a futura mamãe Viviane Souza, telefonista de 26 anos.

Com o objetivo de levar as informações sobre a Previdência, o INSS tem o Programa de Educação Previdenciária PEP, que tem como missão levar aos jovens o conhecimento sobre os Deveres e Direitos da Previdência Social. “É o trabalho de conscientizar e incluir o cidadão na Previdência, temos que mudar o pensamento do jovem, de não pensar só na aposentadoria, mas nos seguros que ele tem direito pagando em dia as contribuições”, conta a coordenadora do programa, Marise Lima de Sousa. Através de palestras em universidades e colégios o programa quer inserir os jovens dentro na Previdência. “A visão de aposentadoria deve ficar em segundo plano, o importante é que ele vai estar coberto na sua capacidade elaborativa de trabalho”, finaliza o gerente-executivo do INSS Joaquim Cândido de Carvalho.

Sem emprego no Japão, dekasseguis voltam para o Brasil

Crise aborta sonhos no Sol Nascente

Juliana Moraes

Mudar de vida, tentar a sorte em outro país, todos buscam a tão sonhada estabilidade financeira, da maneira que lhes convém. Aqueles que têm a oportunidade de ir para o exterior, normalmente não pensam duas vezes, simplesmente arrumam as malas e vão em busca do sonho da fortuna.

“Saí do Brasil em 2006 com a vontade de ganhar dinheiro suficiente para mim e minha família, infelizmente em janeiro deste ano tive de voltar, de mãos vazias”, lamenta Daniela Ota, uma dentre tantos outros brasileiros que tiveram o sonho destruído pela crise mundial.

Consultor do projeto Dekassegui/ Sebrae, Múcio Marinho, afirma que, “após o início da crise, percebemos um aumento de retorno dos brasileiros no Japão”. Muitos pretendiam retornar apenas por férias ou algum outro compromisso no Brasil, porém, devido à crise,

ficaram impossibilitados de voltar para o Japão por falta de emprego.

Em uma reunião realizada no aeroporto de Cumbica, Guarulhos SP, na qual participaram agentes de viagem das empresas que embarcam brasileiros no Japão com destino ao Brasil, constatou-se que cerca de 250 brasileiros estão retornando diariamente para casa. “Esse número é um constante desde o agravamento da crise, no final de 2008”, afirma Múcio Marinho.

Antes da crise econômica, a maior parte dos brasileiros que chegavam ao Brasil, já tinham em mãos a passagem de retorno para o Japão. Atualmente apenas 2% (média) dos brasileiros estão chegando com a passagem de retorno, a maioria está voltando, fugindo da crise.

Em Mato Grosso do Sul um projeto desenvolvido pelo Sistema de Apoio a microempresas (Sebrae) que ajuda pessoas que vão para o Japão a investirem seu dinheiro. É um trabalho de orientação, conhecido como projeto Dekassegui. Atualmente o número de brasileiros que procuram esse atendimento aqui no Brasil, tem aumentado, devido a volta de muitos, conseqüentemente pela



crise.

Há uma possibilidade que em alguns anos o Japão volte a oferecer novas oportunidades de emprego e renda aos brasileiros descendentes de japoneses. Múcio

Marinho, do projeto Dekassegui/ Sebrae complementa: “Resta saber se com uma segunda chance, esses brasileiros saberão evitar a repetição dos erros cometidos até aqui.”



Cerca de 50 mil brasileiros foram demitidos no Japão

Estamos indo de volta pra casa

Naiane Mesquita

Os aeroportos japoneses estavam sempre cheios, as listas de espera das companhias aéreas eram extensas e já havia 40 dias que ela esperava por um voo de volta ao seu país. Aquele momento já era esperado desde o final de 2008, quando a crise americana começou a afetar as grandes economias mundiais. Há seis anos morando no Japão com o esposo, a brasileira Márcia dos Santos Gomes Miyashiro, de 38 anos, decidiu voltar para o Brasil depois que o casal perdeu o emprego.

“Em 2007, no final do ano já não tinha opções de emprego, as ofertas de trabalho diminuíram, depois acabaram com as horas extras e em setembro de 2008 começaram as demissões”, afirma a brasileira. No entanto, Márcia acredita que o caos da segunda maior economia do mundo foi do final do mês de setembro a dezembro do ano passado quando as demissões em massa tornaram-se comuns.

Os olhos pretos e levemente puxados são simpáticos e apesar da fama séria dos japoneses, o descendente direto ou de kassegui Demys Ricardo Miyashiro não faz jus ao mito. Casado há 11 anos com Márcia, ele conta que a volta era inevitável e a melhor solução no momento. “Quando eu e a Márcia fomos pela última vez na indústria, o dono perguntou o que iríamos fazer agora. Respondi que



Pressa - Jânio Kaneshije, 22 anos, foi um dos mil demitidos da fábrica onde atuava, voltou sem esperar o seguro desemprego

voltaríamos para o Brasil e ele concordou, dizendo que é a melhor coisa que podemos fazer. Quando houve o 11 de setembro tivemos seis meses de baixa na produção, mas tínhamos expectativas que iria melhorar em alguns meses, hoje só falam em um ou dois anos”, explica o de kassegui.

Apesar dos planos de deixar o país, ninguém imaginava que a volta seria às pressas. A espera no começo e a esperança de melhorias foi aos poucos esvaindo-se nas imagens de passeatas pelo desemprego, sempre com brasilei-

ros à frente.

Segundo estimativas, 320 mil brasileiros trabalhavam o ano passado no Japão, sendo que cerca de 50 e 60 mil perderam o emprego nos últimos meses. “Os jornais não divulgam os dados certos, cada um fala um número diferente, ninguém sabe ao certo, não tem só 50 mil. Muitos brasileiros estão passando fome ou vivendo apenas com o pouco dinheiro do seguro desemprego”, afirma Márcia.

Nos Estados Unidos e na Europa os índices são ainda mais preocupantes, na Espanha a taxa de desemprego chegou a 14,4%, recorde na Europa e alguns economistas acreditam que no Reino Unido três milhões de pessoas podem perder o emprego ainda este ano, inclusive estrangeiros.

Apesar de longa, a viagem dos brasileiros de volta a Campo Grande vem principalmente do outro lado do mundo. Grande parte são descendentes de japoneses que estão voltando à cidade. Muitos tiveram que encurtar o período de permanência e frear por um tempo os sonhos. Janio Yasuo Kaneshije, de 22 anos, pretendia ficar mais que um ano e três meses. Animado ele gosta de contar sobre o país, as experiências e o boneco de neve feito depois de perder o emprego. Impaciente ele não aguentou esperar as três parcelas do seguro desemprego em seu

apartamento dividido com o irmão. “Se eu ficar em casa, entro em pânico”, afirma Janio. Na cidade onde o jovem morava a crise pareceu ser mais amena, apesar dos mil empregados brasileiros demitidos na fábrica onde trabalhava, a hora extra foi mantida até o final. “O problema é que não existia emprego em lugar nenhum, não adiantava procurar, não compensava gastar dinheiro mudando de cidade”.

Entretanto, em decorrência do desemprego cresceu a disputa entre imigrantes e moradores da região por trabalhos antes rejeitados e destinados apenas a estrangeiros. Em alguns países, como Espanha e Japão a disputa fez crescer a busca por mão-de-obra barata e a perda de espaço das empreiteiras, as empresas que normalmente empregam os imigrantes. “Os japoneses estão substituindo os empregados antigos por uma mão-de-obra quase três vezes mais barata, a chinesa e coreana. O pior é que quando estávamos no aeroporto de Guarulhos vimos uma família indo para o Japão, tinha até crianças. Muitas agências de viagem não explicam a verdadeira situação dos trabalhadores, eles iludem as pessoas, dizem que só não tem serviço para quem não quer trabalhar”, afirma Demys.



Escolha - Pegar um avião de volta ou esperar até dois anos por novas vagas no Japão

Crianças e adultos podem ser vítimas de distúrbios reumáticos que se não tratados podem trazer sérios problemas

Reumatismo não escolhe idade

Edilene Borges

Foto: Edilene Borges

Sentir dores nas mãos, nos pés, na coluna, nos joelhos, no pescoço ou em outras partes do corpo é considerado normal para muitas pessoas. Elas acreditam que esses sinais são consequências do cansaço ou do estresse do dia-a-dia. Mas, o que parece insignificante pode ser sintoma de alguma doença reumática, que atualmente atinge cerca de 30% da população.

Segundo o médico reumatologista e mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Alex Magno Coelho Horimoto, a reumatologia estuda as doenças reumáticas e os distúrbios musculoesqueléticos, que geralmente atingem o aparelho de locomoção. “Em geral existem acima de 120 distúrbios reumáticos que podem acometer ossos, articulações, músculos. Além disso, muitas dessas doenças reumáticas podem atingir vários órgãos de forma sistêmica”, explica o reumatologista.

O número de doenças reumáticas é muito grande, e as que mais atingem a população são: artrose, dor lombar, gota, fibromialgia, osteoporose, tendinite e bursite. Duas destas doenças atingem principalmente as mulheres, a artrose, também chamada de doença articular degenerativa, que tem como característica o desgaste das cartilagens e alterações ósseas e é a doença mais frequente entre os pacientes que vão aos consultórios, a fibromialgia, que segundo Horimoto, é um conjunto de sintomas e sinais, que se apresentam por dor difusa crônica, alteração do sono e humor. Esta acomete principalmente mulheres entre os 30 e 40 anos de idade.

O aparecimento de doenças reumáticas, segundo o presidente da Sociedade de Reumatologia de Mato Grosso do Sul, Izaias Pereira da Costa, depende da faixa etária. “Na infância e adolescência, predominam as artrites associadas com infecções (artrites reativas) e



Sintoma - Paciente mostra as mãos enquanto aguarda no consultório médico, doença reumática lhe causou atrofia nos dedos mínimos

a artrite reumatóide juvenil; no adulto, jovem feminino, predomina a artrite reumatóide as artrites reativas, o Lúpus eritematoso sistêmico e acima dos 40 anos, temos uma maior prevalência das doenças degenerativas como a osteoartrite, as doenças de tendões e ligamentos”.

Iria Galeano do Nascimento, de 43 anos, possui doenças reumatológicas, entre elas a fibromialgia, mas nunca havia imaginado que poderia ter alguma destas doenças e só descobriu depois de realizar exames específicos. “Eu tinha pressão alta, inchava muito, ficava às vezes toda vermelha, e a dor de cabeça só passava se eu tomasse injeção na veia”, relata. Há 12 anos ela faz tratamento, entre remédios para combater a dor, fisioterapia, acupuntura e até antidepressivos. Sempre que tem um desequilíbrio emocional sente que os sintomas aumentam. “Eu sempre fiz o acompanhamento e o médico indica exercícios físicos, hidroginástica e medicamentos”.

Qualquer pessoa, inclusive crianças e jovens podem desenvolver estas doenças sendo que um diagnóstico precoce pode diminuir as chances de consequências futuras. A maioria delas não tem cura, mas o tratamento ajuda a reduzir significativamente os sintomas. Por outro lado, um diagnóstico tardio pode causar sérias consequências como o aparecimento de outros tipos de patologias.

“No caso da artrite reumatóide, o paciente pode apresentar invalidez permanente ao trabalho e dificuldade de realizar simples tarefas do dia-a-dia, e em outras doenças sistêmicas como, por exemplo, lúpus e vasculites, o paciente pode apresentar grave comprometimento de órgãos e mesmo a morte”, explica o reumatologista Alex.

Uma campanha a favor da prevenção de doenças reumáticas com o nome “Reumatismo é coisa séria”, foi realizada no ano passado pela Sociedade Brasileira de Reumatologia (SBR) em todo o Brasil. Em Campo Grande o evento acon-

teceu no Estádio Belmar Fidalgo, onde participaram grupos de pacientes reumáticos. Este ano a SBR estará divulgando novamente a campanha, que tem como principal objetivo convencer as pessoas a procurar um especialista, e que os sintomas como dores, podem ser mais sérios do que parecem.

Embora muitas doenças reumáticas sejam hereditárias, o reumatologista Alex Magno explica que uma vida saudável, livre do estresse, associada à prática de exercícios físicos e boa alimentação podem retardar ou mesmo prevenir o aparecimento de tais doenças.

O importante é que a população fique atenta a qualquer sintoma e não se acomode achando que dores no corpo ou outros sintomas são normais. As consequências são graves e podem ser irreversíveis. Qualquer informação é importante, no entanto, não deve ser usada para fazer autodiagnóstico ou automedicação, o correto neste caso é sempre procurar um médico.



Sem rumo

Moradores de rua não têm força para voltar para casa

“Meu Deus,
me tira dessa vida.
Estou sozinho.”

Drama - Mesmo tendo família na Capital, S., 21 anos, sobrevive nas ruas de Campo Grande e é viciado em entorpecentes

Otávio Cavalcante

Embora muitos pensem que Campo Grande não tenha moradores de rua, ou preferem não enxergar esta realidade, no centro da Capital é fácil se deparar com pessoas nas calçadas, pedindo esmolas ou dormindo embaixo de uma árvore qualquer. As histórias destes homens e mulheres têm um ponto comum: o vício em entorpecentes. Mas quem enfrenta as madrugadas geladas nas ruas da Cidade Morena não deixa de esperar uma vida melhor.

Deitado na calçada da Travessa Lídia Baís, esquina com a Rua 15 de Novembro após uma noite muito agitada, “S”, de 21 anos, rapaz com boa aparência e facilidade de comunicação conta um pouco sobre sua vida sem-teto. “Não gosto de viver nas ruas, casa para mim não é igual à rua, eu acostumei nesta vida, e não consigo sair, já tem oito anos que moro assim, desde os 12, uso drogas, comecei com maconha, e agora estou com drogas mais pesadas, já entrei em várias clínicas mas não resolveu, quando bate a vontade não consigo parar de fumar.” Este foi o principal motivo que trouxe Sidriel para as ruas. O rapaz lamenta não ter escutado os conselhos da mãe como o irmão, que também usou drogas, fez. “Ele conseguiu se recuperar, hoje ele tem carro e casa. Se tivesse como voltar atrás eu faria tudo diferente, se não sair dessa vida vou morrer, o tempo que perdi nunca vai voltar, este dia, esta hora não vão voltar, as oportunidades aparecem e somem, aparecem e somem, meu sonho é

voltar a estudar, mas para isso preciso largar este vício”, desabafa o jovem.

A falta de apoio, a saudade e os preconceitos sofridos pelos moradores de ruas são constantes. “Nós somos considerados como vagabundos, não é porque a gente não quer sair das ruas, mas é difícil consertar, ainda mais porque tem pouco incentivo”, comenta “S”, que se lembra de sua mãe quando viu ele nas ruas. “Eu estava sujo e fiquei com vergonha, o tanto que já aprontei que agora tenho vergonha. Eu só não saio daqui (Campo Grande) por causa da minha mãe, se não já tinha rodado o mundo”, “S” se levanta olha para os lados e desabafa: “Meu Deus me tira dessa vida, es-

tou sozinho, em um deserto”.

Ao lado de “S” estava “C” de 20 anos, jovem magra e muito comunicativa. Desde os 15 mora nas ruas, quando começou a usar drogas, se revoltou com a família. Nas ruas ela engravidou de outro morador, hoje seu filho está com um ano e dois meses. “De vez em quando vou para casa ver meu filho, minha mãe é quem cuida, não quero que ele tenha esta vida. Já fui presa, fiquei dois meses e sete dias, sofrendo muito”. O sonho de “C” é que seu marido, como chama o pai de seu filho, mude e tenha uma vida melhor.

Do lado da igreja Santo Antônio, no centro da cidade fica, ou melhor, mora

A. S. F., o Baiano, como gosta de ser chamado, em homenagem ao Estado que nasceu. Dos seus 47 anos de vida, 20 foram vividos nas ruas. Junto com ele está M. J., de 34 anos, que sobrevivem com o dinheiro que ganham cuidando dos carros estacionados nos horários das missas. “Hoje foi duas missas, com o dinheiro compramos dois marmiteix, um litro de cachaca e um refrigerante de laranja, a noite tem mais uma missa”, comenta M.

Baiano é muito conhecido nas proximidades, todos que estacionam na igreja confiam em seu trabalho. “Existe confiança, porque a gente não vai pisar na bola, outro dia passou um camburão da polícia, parou e quis levar nós dois, sorte nossa que o padre viu e disse, pode deixar meus filhos, eles cuidam da nossa casa (igreja)”, explica Baiano.

Ambos preferem correr os riscos das ruas, do que procurar ajuda. “Uma vez me internaram no Esquadrão da Vida, mas logo saí, lá tinha mais loucos que eu”, justifica Baiano. Já M. critica: “Se for pra eu ficar no Cetremi (Centro de Triagem e Encaminhamento do Migrante) prefiro as ruas.

M. estudou só até a sétima série. “Eu me arrependo de ter parado, meu sonho era ser médico. A vida na rua é desse jeito, um dia você dorme, outro não, um dia come outro não, a noite ainda é mais arriscado, tudo que não presta está nas ruas”. Ele tem duas filhas, que moram com a ex-esposa, e sonha em voltar para a casa dos pais, que moram em Maracaju. Já Baiano tem um casal de filhos, que às vezes ele vê, mas mesmo assim não desiste das ruas.

Foto: Otávio Cavalcante



Indefesos - “S” dorme na calçada ao lado da amiga “C”, 20 anos, mãe de um menino de 1 ano e que mora nas ruas desde 2004

Usuários de coletivos em CG sofrem com superlotação

Grandes ônibus lotados da Capital

Paula Vitorino

É gente indo, é gente vindo, pro trabalho, da escola. Todo mundo tem horário para chegar, sai de casa, pega o ônibus e se encontra. É muita gente. É aí que onde era para caber 80 pessoas, mais de 100 se espremem. No dias de sol campo-grandense, onde a temperatura fica em média nos 30°C, esse “aperto” se transforma num caldeirão. O horário de pico, como é conhecido popularmente, entre as 6 e 8 horas e 17 e 18 horas vira o pesadelo de quem depende do transporte coletivo em Campo Grande. São mais de 300 mil usuários por dia, circulando em uma das 163 linhas, divididas entre 535 veículos.

Mesmo rodando com toda a frota de ônibus nos horários de mais movimento, ainda assim as linhas de maior circulação que ligam centro e bairro ficam lotadas. “No horário de pico é muito lotado. Precisa aumentar a frota de ônibus”, reclama a vendedora Rafaela Santos, de 19 anos, que utiliza o coletivo todos os dias para ir trabalhar e estudar. Mas essa não é uma reclamação só da vendedora, os usuários repetem a mesma frase quando são questionados sobre qual é a maior deficiência do coletivo em Campo Grande. O diretor do Departamento de Programação Operacional da Agência Municipal de Transporte e Trânsito (Agetran), Luiz Carlos Alencar Filho ressalta que existe um projeto de reestruturação de li-

nhas e criação de novas, e que devem chegar até meados do ano mais 60 veículos novos, sendo que 11 aumentarão a frota já existente.

Com tanta gente querendo ocupar um lugar, é sorte quem consegue sentar em um dos poucos bancos. Os idosos, deficientes e as grávidas não precisam contar com a sorte, ou pelo menos não deveriam, pois em todo ônibus existem os lugares reservados para esse público. Não precisa ser bem informado para saber disso, basta olhar o aviso de “reservado para gestantes, idosos e deficientes”, que fica ao lado dos primeiros bancos. Mas não basta olhar o aviso, é preciso respeitar. “Não é todo mundo que respeita, não. E quando o ônibus está lotado, aí que ninguém enxerga mesmo, ou dizem que não enxergaram”, relata a estudante Cacimilia Ferraz do Amaral, de 21 anos, que está grávida de sete meses e utiliza o coletivo todos os dias para ir à faculdade. “Se não cedem o lugar eu não peço para sentar, fico quieta”, conta Cacimilia. Ao contrário, dona Marcelina Fernandez, de 72 anos, não abre mão do seu direito. “Quando não tem lugar eu peço pra sentar. Eu falo que tenho problema na perna e explico que preciso sentar. Não posso ficar muito tempo em pé”. A aposentada mora no bairro Aero Rancho e depende do ônibus para ir ao médico, fisioterapia e visitar os filhos que moram em outros bairros.

“Quando a gente descia pela frente era melhor, porque não tinha tanto perigo de tropeçar e cair e os bancos ficavam mais para os idosos mesmo”, lembra dona Marcelina sobre a mudança que houve nos lugares dos bancos.

Sobre a retirada dos bancos da frente, deixando só um para deficientes visuais



Aperto - Filas nas portas dos ônibus são comuns no início da manhã e final da tarde

com acompanhante, o diretor da Agetran, Luiz Carlos esclarece. “Essa mudança veio seguindo o modelo de várias outras cidades. Evita o aglomerado de pessoas na frente, isso atrapalha o motorista e a dinâmica dos passageiros que sobem em cada ponto. Os bancos reservados passaram a ficar depois da catraca. O fato de algumas pessoas não respeitarem esse espaço, entra em uma questão de conscientização, amanhã pode ser você que precise desse banco”.

Superlotação

Estudante conhece bem o tal horário de pico. A luta para conseguir entrar no ônibus é diária. E quando o trajeto é longo, ir sentado é o desejo de todos. “É um aperto. Quando a gente vê o ônibus chegando já amontoa tudo o povo na beirada do ponto pra tentar entrar primeiro. É uma luta. Mas agora no começo do ano, quando é muita gente pegando ônibus, só de conseguir entrar no aperto já é lucro, porque a gente sabe que se perde esse, o próximo só daqui a 40 minutos, aí a aula já começou”, relata a estudante Priscila Rabello, de 20 anos que todos os dias vai e volta da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) disputando um lugar no coletivo.

As linhas centrais chamadas de tronco, passam entre 5 a 10 minutos, mas as linhas de bairros e também que atendem as universidades mais distantes têm um número menor de veículos a disposição,

aumentando o intervalo entre um ônibus e outro e o fluxo de passageiros em cada viagem.

Risco

Não são só os passageiros que sofrem com o horário de pico, os motoristas também, como conta Antônio Araújo, de 46 anos, “Ah, no horário de muito movimento o trânsito fica complicado né, muita gente”. Mas para seu Antônio que há nove anos dirige de segunda a sábado 7 horas por dia um ônibus, as dificuldades param por aí. “É tranquilo. Depois que pega o jeito vai tranquilo. Nunca bati. As vezes é estressante, mas qual trabalho não é?”. O motorista vê com bons olhos a mudança dos bancos de lugar. “Facilita as pessoas passarem. Sem muita gente na frente alivia”. Agora com o uso do cartão, muitas linhas cortaram o lugar do cobrador, o motorista tem de cobrar a passagem dos que ainda pagam com dinheiro. Antonio não reclama da falta do cobrador, mas ressalta que em algumas situações faz falta. “Sem o cobrador fica mais difícil de saber quando as pessoas já descaram pra fechar a porta. Principalmente quando está lotado e o pessoal fica nas portas. Algumas linhas, as mais movimentadas que passam pelo centro precisam do cobrador”. Os veículos novos que começaram a chegar desde o ano passado facilitam a visão dos motoristas, o retrovisor é mais alto, são mais adequados para enxergar.



Incomodados - Campo-grandenses disputam espaço no interior dos coletivos



Foto: Magna Melo

Alteração - Com seriedade, a moradora Maria Zumira detalha os problemas enfrentados pelos moradores do bairro Noroeste

Noroeste

Comunidade tenta driblar as dificuldades de morar com infraestrutura mínima

Esquecidos no último bairro da Cidade Morena

Era uma casa muito engraçada não tinha teto, não tinha nada, ninguém podia entrar nela não, porque na casa não tinha chão, ninguém podia dormir na rede porque na casa não tinha parede

Magna Melo

Essa historinha parece ser bem divertida quando cantamos. Mas ao conhecer a história de vida de Maria Zumira, moradora do bairro Jardim Noroeste não há graça. Sua casa não tem paredes convencionais, foi construída por um material encontrado no lixo, telhado é de lona e o banheiro também é de material reciclável e ainda fica localizado do lado de fora do barraco. Essa não é a única história séria do bairro Noroeste, localizado na região leste de Campo Grande.

A jovem Maria, de pele morena queimada do sol, casada, mãe de três filhos ficou tímida com minha visita, seus olhos

castanhos brilhavam cheios de esperanças ao falar do bairro, um suspiro longo em meio ao silêncio e começa a falar das dificuldades, segundo ela, que é moradora há mais de um ano. “Tudo aqui é difícil, tem até roubo no barraco, não pode descuidar nada que os ladrões levam tudo, roubam para usar drogas, por que aqui existem muitos jovens viciados”.

A tristeza e angústia são traduzidas em suas palavras ao falar do seu futuro e dos filhos que estão sendo criados em um local que não tem a mínima estrutura para sua sobrevivência. “Falta tudo no bairro, o ônibus demora mais de uma hora para passar, estamos esquecidos aqui, sempre esperando alguém que faça algo por nós”.

Andando pelo bairro num dia de calor e sol quente, a poeira cobria meu tênis, pude perceber que os moradores têm razão em suas reclamações, as ruas esburacadas e com muito lixo espalhado. Observei poucos ônibus circulando nas ruas, que têm vários terrenos baldios com bastante mato e pouca iluminação.

Cheguei a uma casa de madeira sem muro, eu estava com um pouco de receio,

bati palmas e fui recebida por um jovem chamado Irineu da Silva Santos, desconfiado foi bem educado comigo. O servente de pedreiro estava com um boné na cabeça e ainda assim deu para perceber os longos cabelos pretos. Irineu é morador há três ou quatro anos no bairro, não soube responder bem ao certo. Sua esposa é uma jovem que ao perceber minha presença foi para dentro da casa levando no carrinho a filha do casal, um bebê de seis meses. Ali mesmo na varanda foi conversando sobre o bairro que para ele é carente de benefícios. “Asfalto, posto de saúde, posto policial. Hoje sou mais caseiro, mas quando solteiro saía muito no bairro, principalmente à noite. Via muita violência, não há posto policial no bairro, às vezes passa o camburão, mas é raro, não estamos recebendo ajuda nenhuma, nosso bairro está esquecido. Vemos na TV as notícias, Campo Grande como candidata para sediar jogos da Copa do Mundo, só mostram os lugares bonitos da cidade, eu até acho que estou morando em um bairro que não faz parte dessa cidade”.

O professor de matemática Irineu



Foto: Magna Melo

Risco - Lixo acumula em vias

Ricardo Filho comenta sobre o tempo em que trabalhou no bairro. Para ele, o Noroeste parece estar sempre em construção. “O tempo em que trabalhei na região vi muita coisa, situações de muita miséria e fome. Temos creches, igrejas, centro espírita, presídio, vários trabalhos sociais e que não são o suficiente para atender a demanda do bairro. As casas são muito humildes, sem falar na falta de qualificação motivo de tanto desemprego, há um grande número de usuários de drogas, faltam vagas nas escolas e atividades para os jovens. O presídio também é motivo de muita preocupação, quando acontecem fugas. No bairro tem muitos barzinhos motivando o uso de álcool. Sem falar nas gambiarras na rede de água e de luz tem que tomar cuidado para não pisar em um fio de luz soterrado, o bairro precisa de estrutura”.

Luís Fabiano Afonso dos Santos, morador há sete anos no bairro, reclama da falta de posto policial e da iluminação pública. “Saio no bairro sem medo, não dá para ficar preso em casa, preciso trabalhar, passear, os roubos têm muito, quase sempre motivados pelo uso de drogas, tem muitas bocas de fumo no bairro. O presídio não dá medo, sempre acontecem fugas, só que os fugitivos correm para o mato que tem nas fazendas, sendo último bairro da cidade nessa região”, diz o morador.

Adolescentes com menos de 18 anos raramente mostram a carteira de identidade na hora de comprar bebidas

Jovens driblam lei para ingerir álcool

Nilda Fernandes

A única dificuldade que os menores de 18 anos estão encontrando para ingerir bebidas alcoólicas é a de abrir os lacres das latas e tampas das garrafas. R.B., de 16 anos, nunca encontrou barreira para comprar nenhuma bebida com álcool. "Só no shopping e alguns supermercados pedem documentos, mas aí nós mandamos um colega maior comprar para gente", revela com naturalidade o adolescente que complementa que nas conveniências e bares são os lugares mais fáceis para menores adquirirem o produto proibido.

A lei nº8.069/90 do Estatuto da Criança e Adolescente, artigo 81, homologada em junho de 2007, que proíbe os bares, restaurantes, supermercados, lanchonetes, casas noturnas e até vendedores ambulantes de venderem bebidas alcoólicas para adolescentes não se tornou uma barreira para os menores.

"Gosto de tomar socialmente nos fins de semana, minha mãe não gosta que eu beba, mas vejo todo mundo bebendo", afirma L.M. de 17 anos que experimentou cerveja pela primeira vez aos 11 anos, numa festa de final de ano com a sua família. A garota deu entrevista entre risadas em uma roda de amigos, com idades entre 16 e 17 anos. Todos afirmaram já ter



Foto: oglobo.globo

Cuidado - O tema da ingestão de álcool deve ser discutido entre pais e filhos, pois às vezes é a própria família que permite o uso de bebidas

consumido bebida alcoólica mais de uma vez.

A lei determina que nos estabelecimentos que exigem uma consumação mínima, as comandas devem ser diferenciadas por meio de cor quando o consumo é para os menores. Apesar das mul-

tas pesadas, muitas casas noturnas e bares desobedecem esta lei. J.M.S de 17 anos, afirma que já entrou várias vezes em casas noturnas e bares e nunca sequer pediram seus documentos.

Letícia de Oliveira da Silva, de 74 anos tem dois filhos e três netos, fala que nunca autorizou seus filhos a consumirem bebidas alcoólicas quando moravam com ela, mas seu neto mais velho não encontra dificuldade em beber em casa. "Falo para os meus filhos não deixarem o meu neto beber", lamenta a avó. Para ela não basta existir a lei que proíba deve existir pais que fiscalizem.

Segundo a bióloga, mestra em Psicologia e professora da Universidade Católica Dom Bosco, Helena Demetrio Gasparin, o que valem são as atitudes dos pais e não o discurso do que é correto, pois os adolescentes estão no período de formação de personalidade. "A família deve aprender a ouvir mais os adolescentes, para que consigam enfrentar os modismos."

Uma pesquisa realizada em 2004, em 27 capitais brasileiras, nas escolas públicas, no total de 1815 alunos entrevistados pelo Cebrid/ Unifesp Centro Bra-

sileiro de Informação sobre Drogas Psicótropas e Departamento de Biopsicologia-universidade Federal de São Paulo e coordenado pela a professora aqui no Estado mostra que 68,7% dos adolescentes já experimentaram álcool na vida e 3% usam com frequência (pelo menos 6 vezes ao mês). "Desta pesquisa o que nos chama atenção no levantamento é que 10,5% já estão inseridos na dependência", afirma Gasparin.

Antônio Firmino dos Santos, dono de uma conveniência há cinco anos, no bairro Maria Aparecida Pedrossian, diz que não é fácil lidar com esta situação, mas quando chega alguém que ele desconfia que seja menor de idade solicita a documentações, pois segundo ele tem filhos e não gostaria que os filhos fizessem isso. "Eu e meus filhos trabalhamos aqui e não quero ser multado e prefiro obedecer a lei." No entanto, conforme o funcionário da conveniência Eduardo dos Santos filho a situação é complicada pois os próprios pais mandam os filhos buscarem bebidas. "Não basta ter a lei os pais devem também assumir esta responsabilidade."

Voltamos com muito

- + idéias
- + criatividade
- + comunicação

Agência do Curso de Publicidade

Contato: 3312- 3740

Tabagismo disfarçado em aroma

Foto: Tatyane Santinoni

Tatyane Santinoni

Doces sabores, aromas diversos e em formas diferentes são portas de entrada para o tabagismo e, na maioria das vezes, para o vício em outros tipos de fumos. Cigarros aromatizados e o Arguile (fumo de origem indiana e que ganhou popularidade no Oriente Médio) são exemplos concretos do mascaramento das substâncias nocivas ao organismo. É o que afirma uma pesquisa feita pela Universidade de Medicina e Odontologia de Nova Jersey (EUA) com 1.688 fumantes que buscavam tratamento para parar de fumar. O índice de sucesso entre os brancos, que fumavam o cigarro aromatizado com mentol, foi de 43%; contra 50% dos fumantes de cigarros convencionais. Latinos e negros, em especial, tiveram mais dificuldade (23% e 30%, respectivamente), apenas após seis meses de tratamento a proporção se manteve semelhante. Para os pesquisadores, a explicação pode estar na refrescância, fazendo com que os aromatizados camuflem o gosto desagradável, propiciando uma tragada mais profunda e, conseqüentemente, mais inalação de substâncias viciadoras.

Existe entre as rodas de tereré um novo companheiro, geralmente entre os jovens, o Arguile. Este que, segundo a pneumologista Eliana Setti Albuquerque, possui as mesmas substâncias nocivas à saúde que os cigarros têm. “Não quer dizer que o Arguile vicie mais, na verdade não existe cigarro seguro, o ideal é não fumar. Todos os tabacos possuem alcatrão e nicotina, que são as principais substâncias dentre outras centenas que fazem mal ao organismo, mas quanto mais industrial, maior a quantidade de substâncias”, acrescenta. Na cultura do Oriente Médio, o Arguile simboliza boas-vindas, hospitalidade, serenidade e harmonia, é a forma de reunir os amigos e a família para um papo descontraído. E essas têm sido as mesmas finalidades aqui no Brasil, principalmente entre os jovens.

O Arguile virou “febre”, e porque não dizer, “moda” entre os brasileiros, inclusive os campo-grandenses, assim como a publicitária Larissa Colla de 21 anos. “Fumo Arguile há seis anos, já passou a ser um hábito na minha vida, nem considero como vício. Hoje chego a fumar três sessões de uma hora por



Médica - “Nicotina é droga lícita”

dia, às vezes sozinha, às vezes com meus amigos”. Larissa teve o primeiro contato com o fumo na cidade de Ponta Porã, logo aos dez anos. Mas aos 15 começou a usá-lo, de fato, e comprou seu primeiro Arguile aos 17 anos, pouco antes de se mudar para a Capital, aonde veio estudar.

Já o comerciante de Arguile, libanês Jamil, de 64 anos, diz fumar há 40 anos e vê este fumo como uma forma de desabafo, prazer e distração. “Não é como o cigarro, que é para toda hora. O Arguile é bem mais que isso, ele une a família e não é para se usar todos os dias, eu mesmo uso nos finais de semana ou em ocasiões especiais, e meus sabores preferidos são duas maçãs e hortelã”, conta Jamil que preferiu não revelar o sobrenome. Além disso, ele fuma cigarro também, mas diz ter o controle sobre ele, fuma quando quer e quando tem tempo. Normalmente os maiores consumidores de Arguile da loja de produtos árabes de Jamil, que fica no centro de Campo Grande, são rapazes de 20 a 30 anos de idade.

Para dar ênfase aos malefícios que este tipo de fumo e todos os outros, inclusive os cigarros aromatizados que se assemelham ao Arguile pela diversidade de sabores e aromas, a pneumologista Eliana Setti ressalta em seus 31 anos de profissão que as conseqüências acontecem, na maioria dos casos, de 25 a 30 anos de tabagismo. As principais doenças são hipertensão

arterial, infarto agudo do miocárdio, acidente vascular cerebral (o chamado “AVC” ou derrame), fechamento dos brônquios, bronquite crônica, enfisema pulmonar, trombose vascular, dor torácica (dor cardíaca), impotência sexual, complicações na gravidez, além de todos os tipos de câncer (graças ao Alcatrão). Só para ressaltar, a substância que causa dependência é a Nicotina, que demora apenas oito segundos para chegar ao Sistema Nervoso Central. “O pior de tudo é que a Nicotina é uma droga lícita e pode ser comprada em qualquer lugar”, finaliza Eliana.

Em relação aos cigarros aromatizados, o comerciante de tabacos há 15 anos, Jian Carlos, afirma que a venda deste tipo de fumo é bem menor que a dos convencionais, por serem mais caros. E normalmente, as pessoas compram quando é novidade, porque possuem sabores e aromas diversos e usam para experimentar. “A pessoa que fuma há muito tempo não gosta de aromatizantes, por serem mais fracos. E ainda não há divulgação em massa desse tipo de produto, então a venda do tabaco aromatizado é bem pequena”, acrescenta Jian que comercializa este fumo há quatro anos. Outra alternativa para alimentar o vício pode ser o cigarro de palha, um pouco mais natural que os convencionais, mas que possui as mesmas substâncias nocivas de qualquer outro tabaco. É o caso do senhor de 55 anos, com pseudônimo de Onias, que após onze anos sem fumar, voltou há sete meses a usar o cigarro de palha, que funciona como uma “válvula de escape”, uma distração. “Já fui dependente por 20 anos do tabaco, com idas e vindas do vício da palha, charutos e cachimbos, mas confesso que toda essa preocupação financeira e a crise mundial me abalaram de forma a voltar para o vício”. Mas



Foto: Tatyane Santinoni

Diário - Larissa Colla, 21 anos, fuma três sessões de Arguile

Onias dá a dica para quem quer parar de fumar, “natação é o melhor esporte para esquecer e deixar o cigarro, principalmente o anaeróbico, que é a categoria sem oxigênio, isso mexe com os pulmões e melhora o desempenho do fôlego”, conclui.

A popularidade do Arguile (também chamado de Narguilé, Nakla, Hookah ou Shisha) e o estilo de vida por trás dele têm crescido muito entre os países nos anos recentes, sendo considerado o tabaco aromatizado mais consumido, principalmente devido à natureza social que o fumo representa. No Ocidente, onde tudo se tornou tão rápido e as pessoas raramente têm tempo de socializar com a família ou com os amigos, a cultura do Arguile é a saída que os adeptos encontram para integrar-se no ambiente social. E hoje, os grupos de fumantes de Arguile podem ser encontrados na maioria das grandes cidades das Américas e da Europa. Considerando isso, estima-se que, no Brasil, a cada ano, 200 mil pessoas (23 pessoas por hora) morrem precocemente devido às doenças causadas pelo tabagismo, número que não para de aumentar. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, mais de 300 pessoas morrem por dia no Brasil em decorrência do hábito de fumar. E ela prevê que, se nada for feito, em 2020 o vício do cigarro levará mais de 10 milhões de pessoas à morte por ano.

Estabelecimentos se multiplicam na Capital, mas é preciso ter cuidado para não atrapalhar interação da família

Brinquedoteca: solução para pais atarefados

Tatiana Gimenes

Foto: Tatiana Gimenes

Não há dúvidas de que brincar é fundamental para o desenvolvimento das crianças. Através das brincadeiras, elas ampliam suas aptidões físicas e psíquicas, além de aprenderem a se socializar com as pessoas a sua volta.

Em Campo Grande, existem diversos locais conhecidos como brinquedotecas, que cuidam das crianças enquanto os pais realizam as tarefas do dia-a-dia.

Para a pedagoga Joana Mortari de Oliveira, de 42 anos, especialista em Educação Lúdica, a brinquedoteca é um meio onde a criança vai se expressar, são livres para brincar, e também um ponto de encontro, pois muitas crianças escolhem ir para o local e encontram mais companhias.

Proprietária de uma brinquedoteca da Capital, Joana conta que muitas crianças são tímidas, têm uma rotina rígida diante do mundo moderno, porém cada uma com expressão bastante natural, que expõem através dos brinquedos como baú de histórias, casa na árvore, banho de mangueira, dentre outros.

Por outro lado, muitos pais precisam deixar as crianças nesses locais para cumprirem suas atividades pessoais, caminhadas, compras, cinema. Ela acrescenta ainda que brincar é muito importante para as crianças. “O brincar para a criança é tudo. Elas experimentam e despertam a curiosidade. É a função da brinquedoteca é respeitar a vontade da criança”. Joana revela que com o brinquedo mais simples as crianças passam horas brincando, criando, “colocam a imaginação para funcionar”, completou.

Responsável por outro local que também cuida de crianças, Aparecida Regina Araújo da Silva, de 28 anos, diz que a função do trabalho que oferece, desenvolvido também junto a outros monitores, é a de proporcionar



Serviço - Crianças se divertem e interagem enquanto pais fazem compras, realizam atividades de lazer ou profissionais

um ambiente de lazer para as crianças, enquanto os pais desenvolvem suas atividades. “A maioria das crianças vem porque o pai precisa, algumas vem porque querem, todas acabam gostando”. Dentre os brinquedos disponibilizados encontramos os games, mesa de disco, carrinhos e casinhas. Aparecida diz que muitos pais chegam inseguros, por outro lado, os que já conhecem deixam seus filhos sem preocupação. “Os pais deixam muitas crianças que são sozinhas para terem contato com outras crianças, para aprenderem a dividir os brinquedos”, destacou.

Sempre que precisa, a cantora Daniele Quadros, 29 anos, cantora, deixa o casal de filhos no local. “Todas as vezes que venho deixo eles aqui”, ressaltou. Seu filho Vinny Quadros Fernandes, de 8 anos, diz que gosta de brincar lá e tem a resposta na ponta da língua sobre o brinquedo preferido: “vídeo-game”.

Já a dona de casa Ana Claudia Auriema, de 34 anos, do lar, tem três filhos e deixa o do meio, Cléber Auriema, com três anos, por conta das opções que ele encontra. “Ele escolhe por causa dos brinquedos. E eu fico tranquila, porque qualquer coisa eles ligam pra gente”, co-

mentou.

Comportamento

A iniciativa de deixar os filhos em uma brinquedoteca está relacionada a vários fatores. Para a psicóloga Elenise Damasceno, de 38 anos, as crianças percebem outras crianças e se socializam entre si. “O lado bom é que elas criam independência, pois os pais não estão presentes, ficam entretidas, são cuidadas por pessoas especializadas, fazem coisas que nunca fizeram em casa.” Porém, diz que os pais não podem se acomodar a ponto de deixarem esses locais desenvolverem o papel de uma babá.

“Há o lado considerado ruim da situação. Muitas vezes existe uma razão muito fútil para deixar as crianças em uma brinquedoteca, enquanto poderiam estar se divertindo junto com essas crianças, caminhando, indo no cinema”, revelou. Elenise observa que vai muito da visão dos pais confiar em pessoas que não conhecem e que isso não pode se tornar uma obrigação para os filhos. “Precisa também pesar as medidas, equilibrar as atividades da criança. Dar um prêmio é diferente de tornar a atividade como uma conveniência. A criança

precisa ter o seu lazer como uma coisa boa, presenteável”, explicou.

Educação

O brincar tem grande importância no processo educacional da criança. Para a pedagoga Célia Regina Miglioli de Mendonça, de 54 anos, pós-graduada em Educação Infantil e Séries Iniciais, a infância é um período de intensas atividades de movimentos corporais, de fantasias e imaginação. “Nas brincadeiras as crianças desenvolvem a personalidade, adquirem competências, oportunizam possibilidades reais para interpretar e compreender o mundo, construir relações sociais, produzir novos significados, saberes e práticas”, analisou.

A pedagoga fala que é indispensável a presença de um educador que tenha um bom conhecimento teórico e prático no acompanhamento de qualquer criança, que conheça o universo infantil, possibilitando a elas a socialização, a interação e a aprendizagem significativa através do brincar. “Cada vez mais presenciamos nossas crianças serem estimuladas ao conhecimento intelectual e tecnológico, perdendo a intimidade com o lúdico”, finalizou.

Riscos de navegar na rede

CRIME na INTERNET

Juliana Gonçalves

O acesso à informação tem se tornado mais fácil, as crianças já começam a ter contato com a tecnologia desde cedo. No entanto, o que deveria ser uma ferramenta para os estudos e formação tem na verdade feito com que muitos jovens mudem suas rotinas e passem boa parte do tempo na frente de computadores. Esse hábito tornou uma preocupação para os pais e também aumentou a incidência dos chamados “crimes de internet”.

Hoje o Brasil conta com o sistema bancário mais seguro do mundo, no entanto a população ainda sofre com as fraudes bancárias, mas outro tipo de crime virtual tem aumentado significativamente no país, este envolvendo calúnia, difamação e injúria, o que se tornou muito comum principalmente através dos sites de relacionamentos como o Orkut, onde o Brasil detém mais de 50% das contas do mundo e está em 1º lugar em acesso.

Para se cadastrar nos sites de relacionamentos é necessário ter mais de 18 anos para responder por seus atos. Mas ter uma conta nesses sites se tornou comum entre os adolescentes o que é considerado um crime de falsidade ideológica e muitos pais se quer têm consciência dessa situação e da ferramenta perigosa que seus filhos têm nas mãos caso não usem de forma adequada.

O investigador da Polícia Civil Michel Weiler ressaltá que quem usa a internet tem que tomar certos cuidados e a pressa do dia-a-dia acaba deixando inativas fer-



Invasão - Jovens que participam de redes de relacionamentos, como Orkut, estão expostos a constrangimentos de hackers

ramentas de seguranças que alguns sites disponibilizam. “Não se deve proibir o jovem de usar o computador, mas é interessante os pais colocarem o equipamento em um lugar comum da casa e ter curiosidade sobre o que os filhos acessam”, disse.

De acordo com Michel, uma dica importante é que os pais deixem seus filhos navegarem principalmente para fins de estudos, mas para controlar as ações dos filhos que normalmente passam horas na frente da tela é interessante se tornar um amigo online como uma desculpa para vir ter contato com os amigos e as fotos postadas e como quem não quer nada demonstrar “cu-

riosidade” sobre os sites acessados e para que eles servem.

Crime

Um pai que não pode se identificar, para não atrapalhar as investigações da polícia no crime de difamação de sua filha de 16 anos em um site de relacionamentos, conta que o filho mais velho, que mora em Portugal, foi o primeiro a ver a página da irmã no site e deu o alerta para a família. Ele conta que o perfil estava totalmente alterado como se ela própria estivesse se difamando o que levou a crer na clonagem da senha e login de acesso.

A difamação na internet fez com que este pai denunciasse o crime, para que fosse feito o pedido do endereço de IP, que na verdade é o código que cada computador tem, sendo possível descobrir através das mensagens enviadas onde este computador esta localizado. Como próximo passo a polícia entra com pedido de quebra do sigilo telefônico constatando as mensagens enviadas pelo computador.

“Não é fácil, eu nem sabia que ela podia ter Orkut e nem que isso podia acontecer, ela fez sem permissão, mas agora fica a lição”, ressaltá o pai.

A psicóloga e psicopedagoga Bernadete Freire Campos, acredita que a desocupação do jovem é o que o leva a ficar horas na frente do computador não sendo capazes de gastar o tempo em outras

atividades.

“O jovem tem acesso à vida de outras pessoas e a fotos delas e sabendo dos acontecimentos começam as fofocas que às vezes fogem do controle. Mas os crimes da internet são como os crimes normais só mudam o meio”, afirma Bernadete.

Cuidados

Segundo a psicóloga, os pais têm que ficar alerta por que a internet vicia e a partir do momento que atrapalha a rotina do dia-a-dia do jovem, e este não se alimenta mais nos horários certos, não dorme mais nos horários que dormia e começa a conversar mais com as pessoas e familiares pela internet ele pode já estar viciado o que pode acarretar distúrbios nervosos, visão cansada, transtorno bipolar e até depressão.

Bernadete explica que as pessoas com tendência a doenças psiquiátricas em geral são mais propícias a ficarem viciadas em computadores e que o certo é utilizar o equipamento no máximo três horas por dia, caso ele seja um meio de trabalho a cada duas horas fazer uma pequena pausa.

Para mais informações sobre o assunto ou denúncias sobre crimes de internet o número de telefone é 3318-7973.



Foto: Juliana Gonçalves

Controle - Computadores dos jovens têm que ficar em ambientes comuns da família



Educação

Projetos culturais chegam às escolas públicas

A democratização da cultura

Ederson Almeida

Há alguns anos para se ter acesso a atividades culturais como dança, teatro, música e artes plásticas, era necessário preencher uma série de requisitos, entre eles poder pagar para se ter acesso a algo estritamente necessário ao desenvolvimento do indivíduo, a cultura. No entanto, de alguns anos pra cá esse paradigma tem sido quebrado, através de projetos e iniciativas que proporcionam à população menos favorecida ter acesso às mais diversas áreas que a cultura possa abranger.

A democratização da arte se preocupa em fazer da cultura um importante instrumento para o desenvolver sócio-cultural da população e assim contribuir para formação de indi-

víduos mais sensíveis e atentos aos seus deveres inerentes como cidadãos.

Criado há quatro anos, pela Prefeitura Municipal de Campo Grande por intermédio da Fundação Municipal de Cultura (Fundac), o Projeto Arte Sim Violência Não, permite à população de mais de 15 bairros da Capital e cerca de 600 crianças, o acesso a práticas culturais como dança, teatro e capoeira.

Um exemplo claro de como projetos como estes podem interferir de maneira positiva na vida de muitos jovens pode ser visto através da experiência vivida por Camila Nascimento que entrou no projeto, desenvolvido no Aero Rancho, aos seis anos e, hoje, aos doze, relata que as aulas foram muito gratificantes. “No início eu não gostava, minha mãe foi quem insistiu. Eu vim ver como era e acabei gostando. Antes eu ficava na rua sem ter o que fazer, agora venho para cá, já fiz várias apresentações. Isso tudo me dei-

xa muito feliz”, afirma a menina.

A professora Mila Fonseca, trabalha com dança há mais de 20 anos e sua paixão pela arte foi o fator principal para participar da execução do projeto. “Além da paixão, houve também a vontade de se estar contribuindo para a inserção de crianças e adolescentes em uma realidade bem diferente da qual elas estão sujeitas nas periferias de Campo Grande”, diz Mila.

Já no âmbito teatral a população conta com a Casa de Ensaio que é um centro cultural e artístico que desenvolve um trabalho há 13 anos, acreditando que a arte é capaz de transformar e sensibilizar a todos. O projeto é desenvolvido com crianças e adolescentes que de alguma maneira foram excluídos de um contato mais íntimo com a cultura e a cidadania. Sendo em sua maioria de escolas públicas e das regiões periféricas de Campo Grande, lugares pouco assistidos quanto a esses aspectos.

Música

Com o objetivo desenvolver um trabalho que pudesse levar música de qualidade a jovens da Capital que a Fundação Barbosa Rodrigues implantou no ano de 2005 a Orquestra Jovem. Um espaço que atende crianças da rede pública de ensino promovendo a musicalização dos mesmos. As aulas ministradas buscam ir além da teoria musical, e são complementadas com conteúdos de cidadania, ficando a prática do projeto para ser realizada com instrumentos de corda como violino, viola sinfônica e violoncelo.

“O caminho para democratizar o acesso à cultura ainda é longo, porém já podemos ver alguns resultados positivos, fato que faz com que acreditemos em um futuro próximo aproximar cada vez mais as pessoas de algo que não é palpável, mas que ainda sim se faz necessário para o desenvolver do indivíduo”, acredita o professor do projeto Arte Sim Violência Não Marcos Matos.